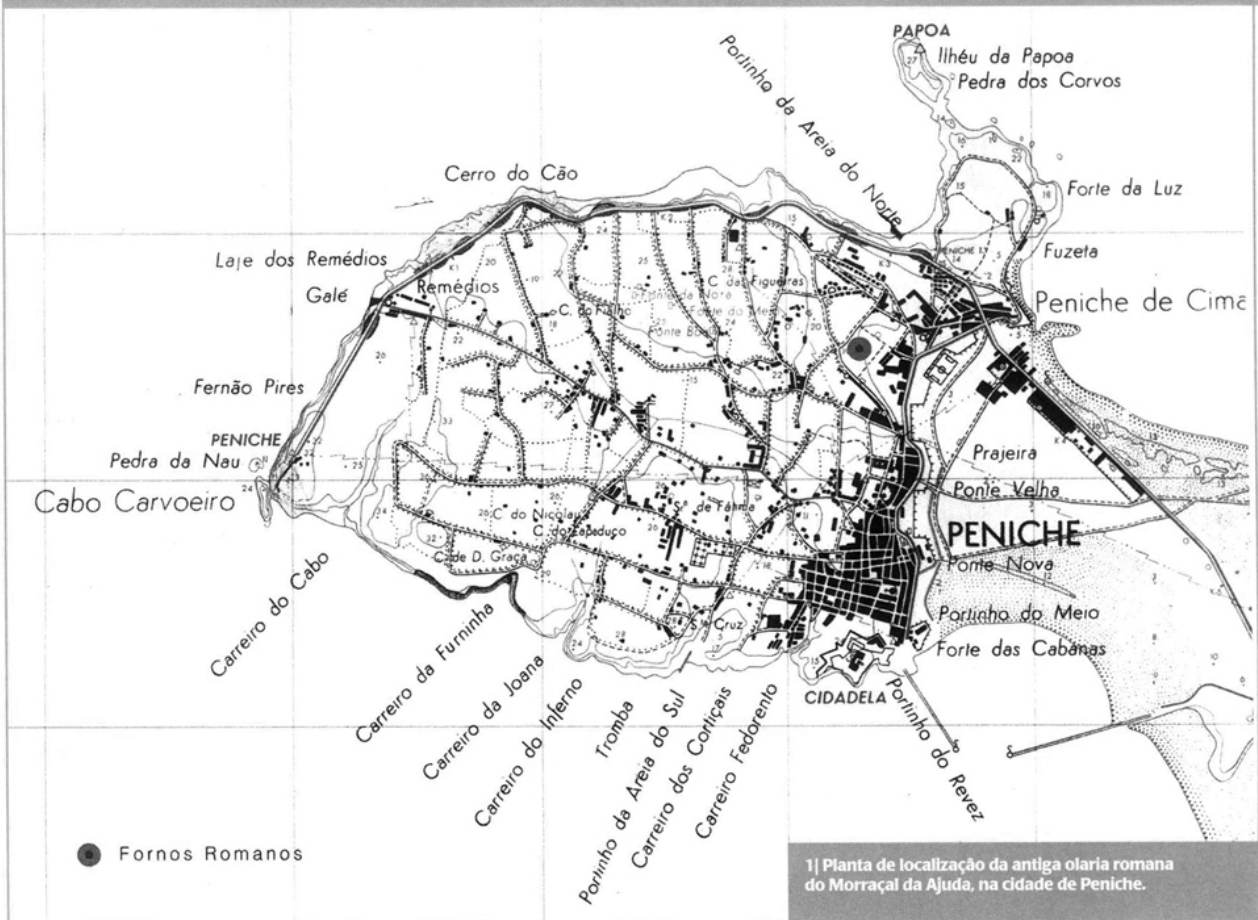


# Olaria Romana do Morraçal da Ajuda (Peniche - Portugal)

Guilherme Cardoso  
Severino Rodrigues

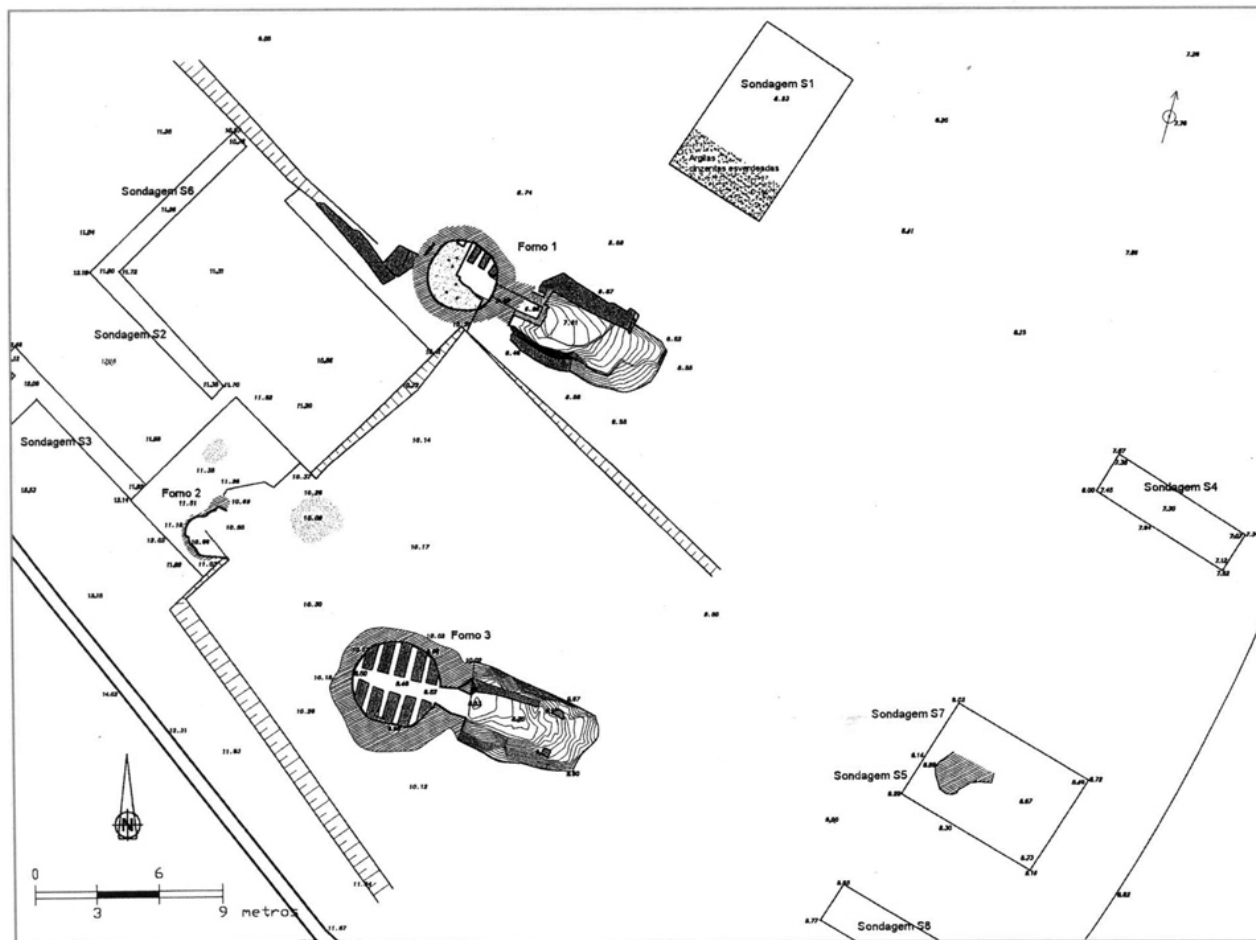


O sítio arqueológico do Morraçal da Ajuda localiza-se dentro da cidade de Peniche\*, perto da antiga entrada norte da cintura de muralhas, na confluência da Rua Calouste Gulbenkian com a Travessa do Galhalhaz, numa encosta suave virada a nordeste, na cota dos 10 metros e assente em terrenos calcários e margosos do Toarciano, Lias, do Jurássico.

Na época romana, Peniche era uma ilha. Durante a Idade Média, o assoreamento do litoral, devido às correntes marítimas, ligou-a ao continente e transformou-a na península que é na actualidade.

Os primeiros vestígios arqueológicos dos fornos romanos foram descobertos em Março de 1998, durante obras de terraplanagens para construção dos *courts* de ténis e da sede do Clube de Ténis de Peniche (Carvalho, 1998, 179). Até então, daquele período só se conheciam em Peniche uma inscrição romana (Venâncio, 2000, 261) e a cabeça de uma pequena imagem de figura humana, em cerâmica (Vasconcellos, 1956, 185, fig. 6).

As quatro campanhas de escavações arqueológicas, realizadas durante os verões de 1998, 1999, 2000 e 2001, revelaram que se trata de vestígios de uma olaria romana, tendo sido identificados três fornos, diversas entulheiras e bolsas com objectos rejeitados por defeito de fabrico.



2| Levantamento topográfico das áreas escavadas entre 1998 e 2001.

## Os fornos

Os fornos são de planta circular, com fundações e câmara de combustão abertas no substrato geológico, de margas esbranquiçadas, aproveitando o declive natural do terreno de modo a criar facilmente uma rampa de acesso à fornalha. As paredes externas, com cerca de 0,8 metros de espessura, eram de adobe, ligadas com argila e reforçadas com grandes fragmentos de ânforas. As áreas anexas aos *praefurnia* dos fornos 1 e 3 e a entrada da câmara de cocção do forno 1 eram protegidas por telheiros apoiados em muros de alvenaria seca.

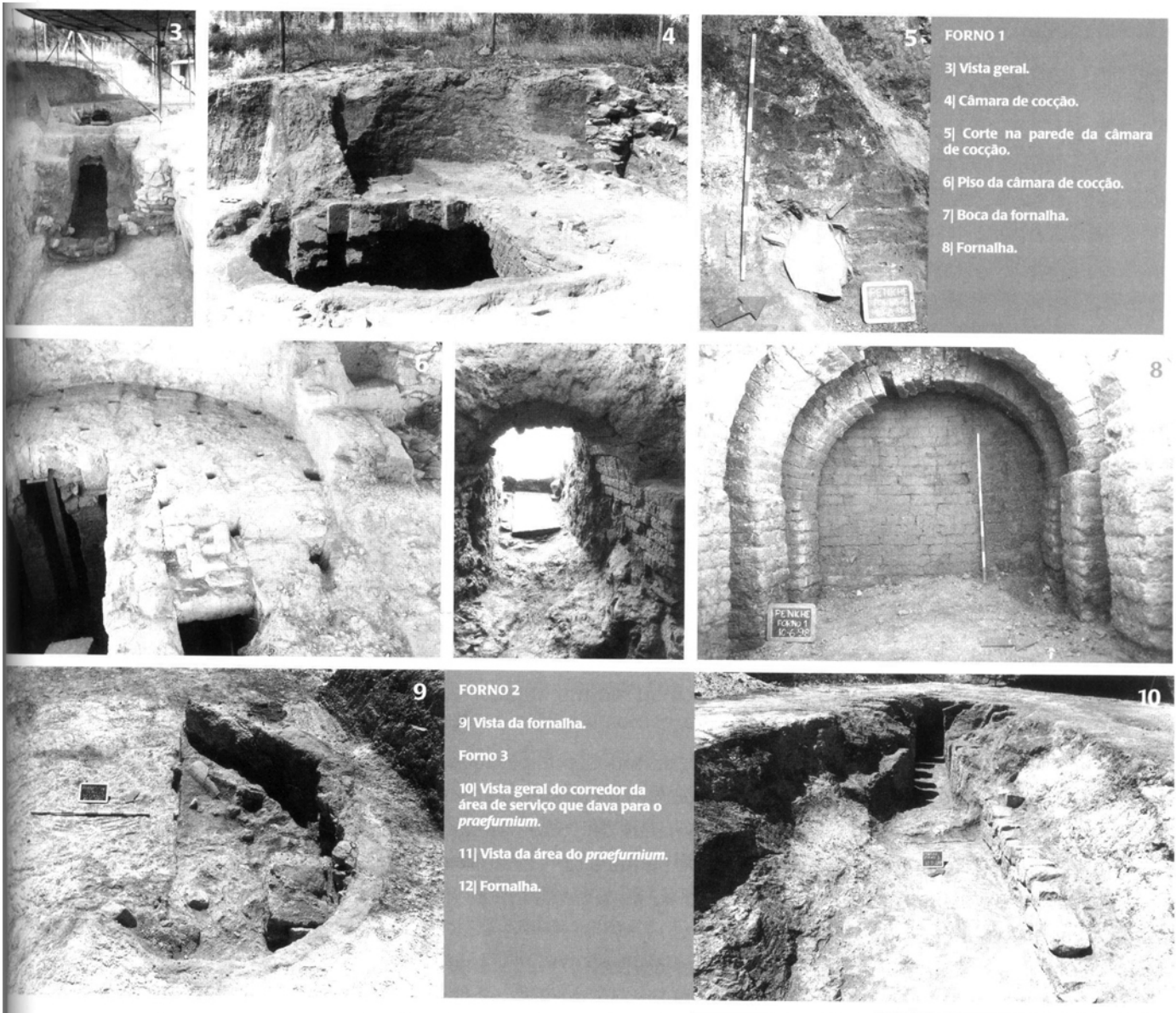
O *praefurnium* do forno 1, de planta quadrangular, situado no extremo da galeria de acesso à fornalha, é delimitado por um murete de tijolos com vestígios de vidro na superfície, devido a terem sido aproveitados das antigas paredes do interior da câmara de combustão, certamente quando estas sofriam obras de restauro de tempos a tempos<sup>1</sup>.

As câmaras de cocção dos três fornos eram separadas da fornalha por uma grelha de tijoleira, com diversos olheiros\*, apoiada sobre arcos de tijolo, perpendiculares à abertura central e espaçados entre eles para assim se obter uma melhor distribuição do calor na câmara de cocção. Toda a estrutura de suporte –ou seja, os arcos e a grelha – foi construída de raiz com tijolos cozidos; as outras partes do forno eram de adobe.

O forno 1 tinha 3,25 metros de diâmetro interno, conservando uma parede com 1,1 metros de altura na câmara de cozedura. O forno 3, apresenta 3,95 metros de diâmetro interno, faltando-lhe toda a parte superior. O forno 2, mais pequeno do que os outros, encontrava-se em mau estado de conservação, existindo unicamente parte da parede do alicerce sul, faltando-lhe o resto, pelo que não é possível apurar o diâmetro nem o comprimento correctos.

<sup>1</sup> Segundo o mestre Domingos Silva, oleiro de Muge, o vidroado forma-se normalmente na superfície dos tijolos da fornalha após cerca de cem cozeduras. A perda de propriedades físicas destes tijolos, devido às constantes cozeduras, obriga a que o oleiro substitua de tempos a tempos para evitar que a grelha desmorone.

\* aberturas na grelha para passagem de calor.



**FORNO 1**  
 3| Vista geral.  
 4| Câmara de cocção.  
 5| Corte na parede da câmara de cocção.  
 6| Piso da câmara de cocção.  
 7| Boca da fornalha.  
 8| Fornalha.

**FORNO 2**  
 9| Vista da fornalha.  
**Forno 3**  
 10| Vista geral do corredor da área de serviço que dava para o praefurnium.  
 11| Vista da área do praefurnium.  
 12| Fornalha.

Durante a escavação da câmara de cocção do forno 1, não foi observado qualquer tipo de vestígio de cúpula, o que leva a supor que esta não teria tecto. Esta técnica possibilita enfornar e desenfornar rapidamente sendo empregue ainda hoje, por exemplo nas olarias de S. Pedro do Corval, Reguengos de Monsaraz, cobrindo-se, para isso, a parte superior das peças a cozer com fragmentos de louça defeituosa, para se evitar o contacto directo daquelas com o ar frio durante a cozedura e na fase posterior, de arrefecimento.

**O espólio**

Foram recolhidos abundantes fragmentos de cerâmica de cozedura semi-reductora, na quase totalidade, de pressuposta produção local<sup>2</sup>.

O grosso das recolhas é constituído por centenas de fragmentos de bojos e dezenas de bordos, colos, asas

eram-se alguns  
 os de ânforas  
 a origem,  
 mente uma  
 olaria da forma  
 cu, com a marca





13| Fragmento de ânfora do tipo Dressel 7/11, variante local.

e pés de ânforas das formas Dressel 7/11 e Dressel 14, bem como variantes das mesmas (figuras 13, 18 a 24). Entre eles existem mais de duas dezenas e meia de fragmentos com a chancela do produtor Lúcio Arvênio Rústico (*L. Arveni Rustici*), impressa no colo, aplicadas tanto na posição horizontal como na vertical, realizada por matriz aplicada sobre o barro húmido.

Para além da produção de ânforas existe uma panóplia de utensílios de cerâmica comum, pesos de rede discóides, pesos de tear, fragmentos de recipientes de “paredes finas”<sup>3</sup> e imitações de formas de *terra sigillata* em cerâmica comum.

### Caracterização das pastas de cerâmica

A necessidade de um estudo mais profundo de caracterização das pastas de cerâmica empregues na olaria do Morraçal prende-se com as dificuldades existentes de individualizar as produções de uma olaria através dos barros e das técnicas de produção usadas.

Salvo raras exceções, as argilas de uma determinada região, como é o caso da Província da Estremadura portuguesa, onde os

fornos de Peniche se situam, são, quando comparadas, através de observação macroscópica, muito semelhantes, tornando-se, por isso mesmo, difícil ou mesmo impossível diferenciá-los sem se recorrer a complexas análises químicas.

Por sua vez, alguns tipos de ânforas que aparentavam ser de produção local, caso da Dressel 7/11, não eram, até ao momento, reconhecidas como produções da Lusitânia<sup>4</sup>, mas sim da Bética, salvo a excepção de alguns fragmentos recolhidos nas olarias romanas de Porto Sabugueiro, em Muge<sup>5</sup>, e Abul A, estas últimas incluídas na forma Dressel 14 variante de banda alta<sup>6</sup>. Portanto, só as análises químicas às pastas de cerâmica nos poderiam tirar dúvidas quanto ao facto de serem produções do Morraçal da Ajuda ou importações.

Note-se que, quando nos referimos ao tipo Dressel 7/11, estamos a falar de variantes bastante diferentes das conhecidas, quando as temos inteiras; no entanto, quando dispomos apenas de alguns fragmentos da boca ou do pé, elas são impossíveis de distinguir.

Também com essa finalidade de se identificar o local de produção encontram-se, neste momento, a serem analisadas peças de cerâmica comum e de “paredes finas”<sup>7</sup>.

Pretenderam-se, pois, caracterizar, com a maior exactidão possível, os elementos químicos e minerais que constituem as pastas de cerâmica utilizadas nesta produção, de modo a se saber se existe um ou mais padrões que as individualizem, tentando ao mesmo tempo identificar-se a origem do ou dos barreiros donde se extraiu a matéria-prima para confeccionar as peças do Morraçal.

Com o fim de se obter a maior precisão possível, foram analisados fragmentos de ânfora de diversos tipos, entre os quais alguns com marcas de oleiro e cerâmica comum.

Durante a escavação da sondagem S1, a cerca de sete metros a nascente do forno 1, foi identificada uma bolsa natural de argila esverdeada de boa qualidade e de grande espessura. Parte da camada que continha a argila, de onde se retirou uma amostra, encontrava-se coberta por materiais rejeitados provenientes da olaria onde se recolheram a quase totalidade das marcas e alguns dos fragmentos de “paredes finas”.

A argila recolhida na referida área foi posteriormente analisada no Instituto de Tecnologia Nuclear, pelas Doutoradas Isabel Prudêncio e Isabel Dias, que concluíram ser do mesmo tipo de argila empregue no fabrico das ânforas, cerâmica comum e em alguns dos tipos de peças de “paredes finas”.

3 Confirmada está a produção local de paredes finas da forma Mayet XXXIII.

4 Razão pela qual Dias Diogo (1987) não as incluiu no seu quadro tipológico de ânforas lusitanas.

5 G. CARDOSO, 1990, 156 e 157, fig. 47: n.ºs 2, 3 e 4.

6 F. MAYET, A. SCHMITT, C. TAVARES DA SILVA, 1996, p. 61 e fig. 37.

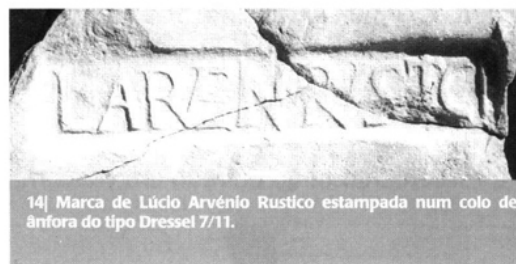
7 As análises estão a ser realizadas no Instituto de Tecnologia Nuclear, sob responsabilidade da Doutora Isabel Prudêncio e da Doutora Isabel Dias.

A observação macroscópica das pastas de peças já identificadas como sendo de produção local permite verificar que se caracterizam por serem de cor vermelha de tons arroxeados (Munsell 2.5 YR 5/4, 5/6 e 5/8), muitas delas com núcleo cinzento (Munsell N5/ e 2.5 YR 6/1), apresentando alguns exemplares engobe branco na parede exterior (Munsell 5 Y 8/1). Entre os elementos não plásticos regista-se a presença de calcário, pequenos grãos rolados de quartzo leitoso, hialino e defumado, óxidos de ferro vermelhos e castanhos escuros, bem como alguma mica branca fina.

## Cronologia

A simples observação dos fragmentos de ânforas leva-nos a concluir que o sítio arqueológico do Morraçal da Ajuda, durante a época romana, foi ocupado entre os finais do século I a. C. ou logo nos começos do seguinte e os inícios do II d. C.

Da primeira fase serão as ânforas do tipo Dressel 7/11 (figura 18, nºs 1 e 2), de lábio espessado em voluta, bordo alto com ressalto sobre o colo. Algumas das ânforas do primeiro período apresentam engobe branco espesso, que cobre



14| Marca de Lúcio Arvénio Rustico estampada num colo de ânfora do tipo Dressel 7/11.



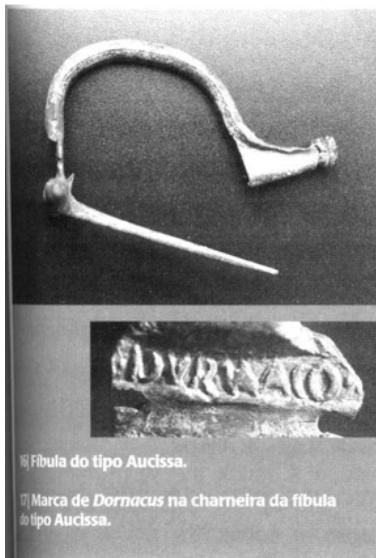
15| Fragmento de marca de L.R.VENI, faltando-lhe o A de Arvénio.

perfeitamente toda a parede externa. São desta fase as marcas do produtor L. Arvenius Rusticus (figuras 14 e 15 e 18, nº 5). Também dos inícios do Império são as ânforas do mesmo tipo, de bordo alto mais ou menos vertical, também com ressalto na ligação com o colo, imitando a forma Pascual 1, embora a boca e o colo se apresentem mais largos. Estes dois tipos, ao que parece, extinguiram-se em meados do século I d. C.

Numa segunda fase, provavelmente com o início de uma nova produção em meados do século I d. C. e perdurando até inícios do seguinte, temos as ânforas do tipo Dressel 14, de bordo alto liso ou perolado.

Quanto às cerâmicas comuns e de “paredes finas”, as cronologias ainda não estão afinadas, podendo, no entanto, afirmar-se que as produções destas últimas estão limitadas à primeira fase da elaboração da oficina, enquanto que as comuns perduram durante todo o período de laboração.

A atestar a cronologia proposta para a cerâmica, temos duas fíbulas inteiras e o fragmento de uma terceira. Uma delas recolhida no praefurnium do forno 3, do tipo Aucissa, aro de bronze com a marca Dornacus (figura 16 e 17 - ao lado), datável dos séculos I a. C. – I d. C. (Ponte, 1973, 183 e 184). As outras duas fíbulas são do tipo anular da forma Fowler B1 (diâmetro 22 mm), com cronologia atribuível ao século I d. C., podendo, segundo Salete da Ponte (ibidem, p. 190), nalguns casos chegar aos inícios do III (figura 31, nº 74).



16| Fibula do tipo Aucissa.

17| Marca de Dornacus na charneira da fibula do tipo Aucissa.

## Conclusões

Esta é, sem dúvida, uma das mais antigas olarias romanas construída na Lusitânia, durante os inícios do Império. A sua construção deve-se certamente a um romano originário da Península Itálica, muito provavelmente o produtor de ânforas *Lúcio Arvénio Rústico*.

Tanto as técnicas de construção dos fornos como a sua distribuição no espaço da oficina demonstram que o seu proprietário dominava os conhecimentos de olaria empregues na época. De realçar o cuidado que colocou, pelo menos na fase inicial da laboração, num fabrico de qualidade aplicado às ânforas e produções de “paredes finas” de que era conhecedor. A descoberta de três fornos, dois de grandes dimensões, alinhados em bateria, e um terceiro de

dimensões médias, indicia que a produção local podia ser diversificada e contínua em períodos de grande consumo.

Através dos fragmentos de ânforas e pesos de rede, recolhidos nas entulheiras da olaria, ficou demonstrada a importância que a pesca detinha em Peniche no Alto Império, durante todo o século I e inícios do II, bem como a indústria conserveira de peixe em salmoura ou em molhos. A cerâmica comum atesta a necessidade de consumo local e regional daqueles recipientes, do quotidiano doméstico, bem como os pesos de tear indiciam uma actividade artesanal de tecelagem.

A diversidade de produtos evidencia, pois, que a oficina estava vocacionada para o abastecimento de uma comunidade constituída por pescadores e fabricantes de conservas de peixe, dando, ao mesmo tempo apoio ao consumo doméstico, quotidiano e de luxo, bem como à construção civil.

O aparecimento de alguns fragmentos de ânforas dos tipos Dressel 20 e 38, e a fibula do tipo Aucissa com a marca *Dornacus* confirmam uma ligação comercial com a Bética e o Norte de África.

O *terminus* do funcionamento da olaria parece ter-se dado por volta dos finais do século I d. C., ou inícios do seguinte. Razões para tal podem ter a ver com a grande concentração de fábricas de derivados piscícolas nos estuários do Tejo, do Sado e no Algarve, que, devido ao facto de possuírem melhores condições, a manufactura e escoamento terão entrado em concorrência com as produções de Peniche.

## Bibliografia

CARDOSO, Guilherme, 1990, «O forno de ânforas de Muge», *As Ânforas Lusitanas, Tipologia, Produção, Comércio*, editadas por A. Alarcão e F. Mayet, Paris, pp. 153-165.

CARDOSO, Guilherme, GONÇALVES, João Ludgero, e RODRIGUES, Severino, 1998, «Forno romano de cerâmica descoberto em Peniche», *Al-madan*, IIª Série, n.º 8, Almada, pp. 178 e 179.

- 1999, «Uma olaria romana em Peniche», *Al-madan*, IIª Série, n.º 7, Almada, p. 8.

CARVALHO, J. Almeida, 1998, «O oleiro no court de ténis», *Al-madan*, IIª Série, 7, Almada, pp. 179-181.

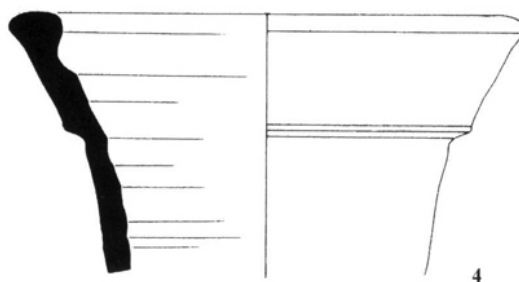
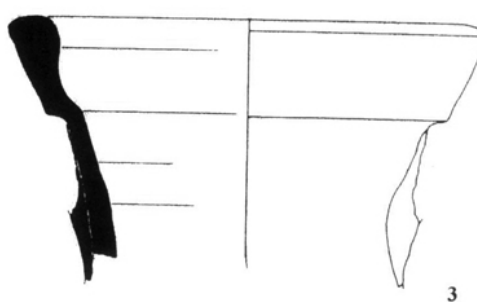
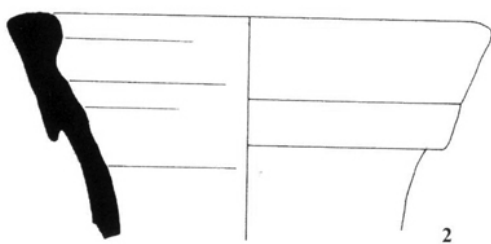
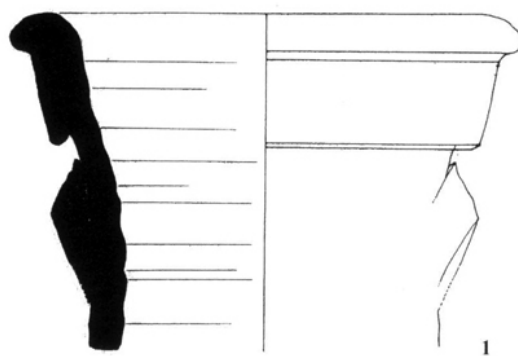
DIOGO, A. M. Dias, 1987, «Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano», *O Arqueólogo Português*, Série IV, 5, Lisboa, pp. 179-191.

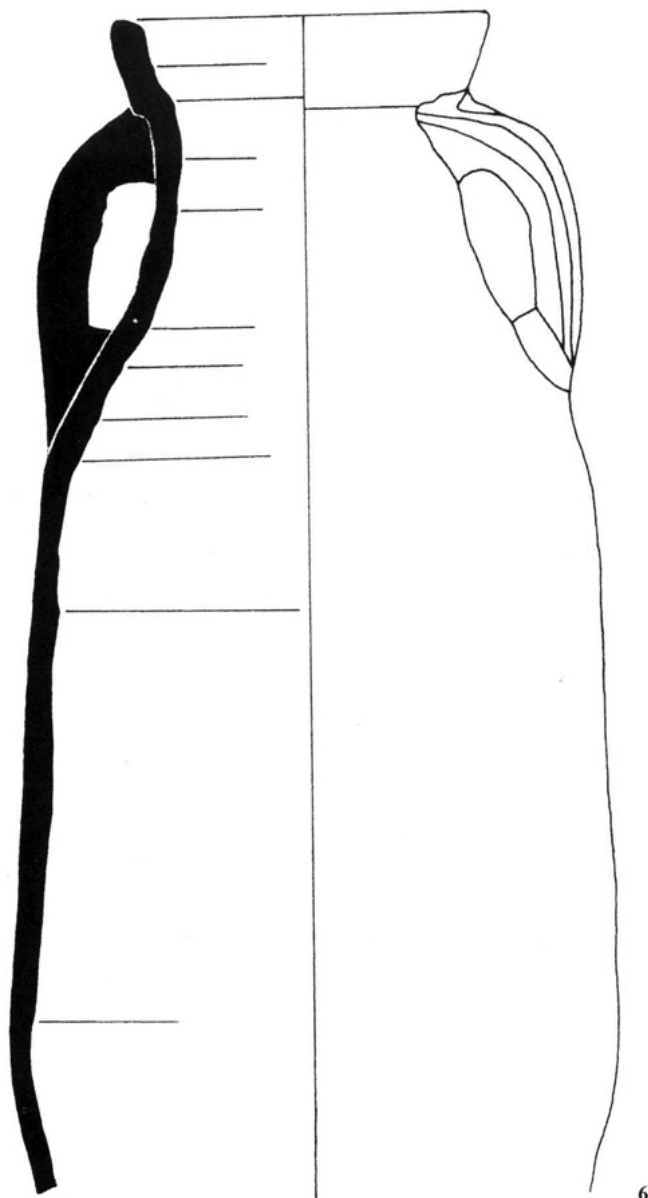
MAYET, Françoise, SCHMITT, Anne, e SILVA, Carlos Tavares da, 1996, *Les Amphores du Sado (Portugal)*, Ed. de Boccard, Paris.

PONTE, Salette da, 1973, «Fibulas pré-romanas e romanas de Conimbriga», *Conimbriga*, XII, pp. 159-197.

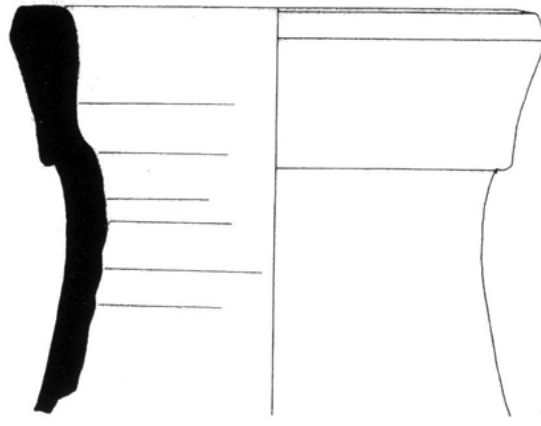
VASCONCELLOS, José Leite de, 1956, «Miscelânea II, 4. Antigualhas de Braga», *O Archeólogo Português*, Vol. XXX, Lisboa, pp. 184-186, fig. 6.

VENÂNCIO, Rui, 2000, «De uma inscrição encontrada em Peniche à história de uma importante família olisiponense», *Conimbriga*, 39, Coimbra, pp. 259-273.

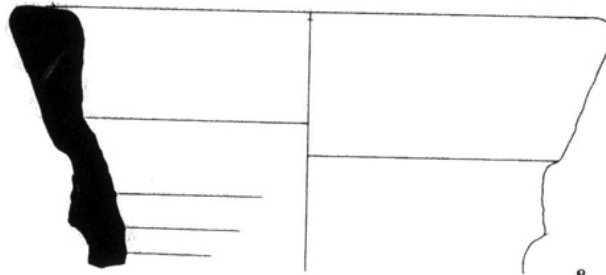








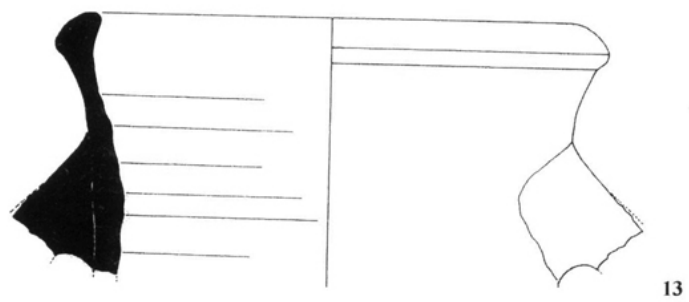
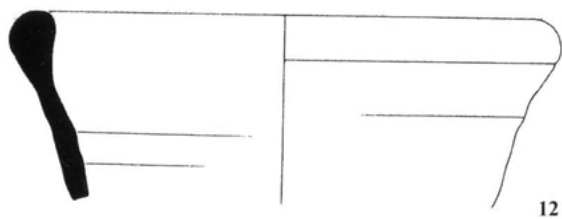
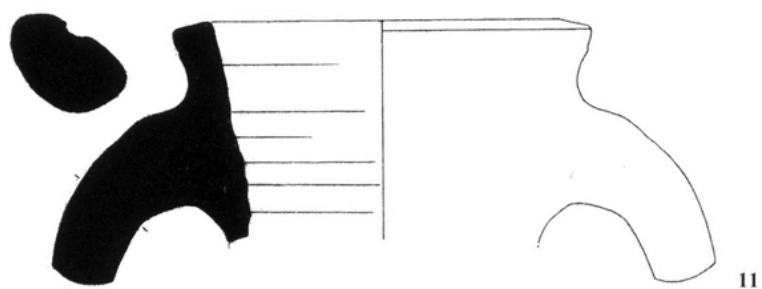
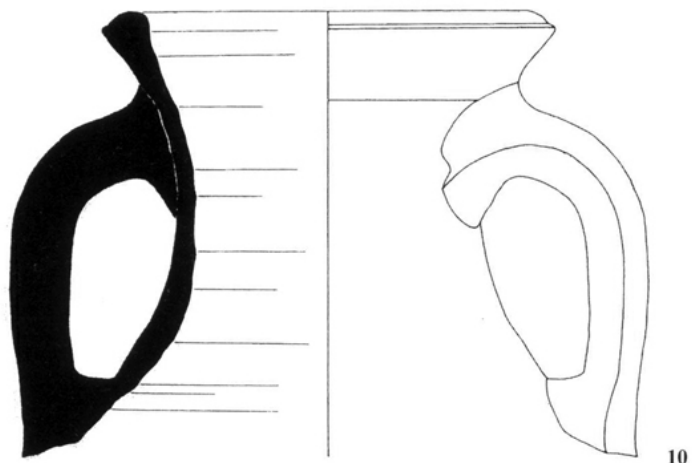
7

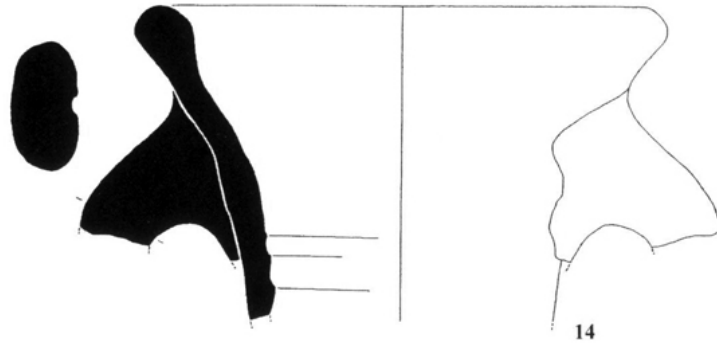


8

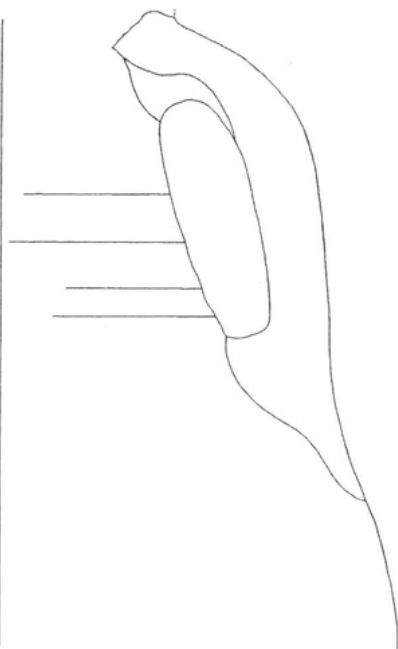
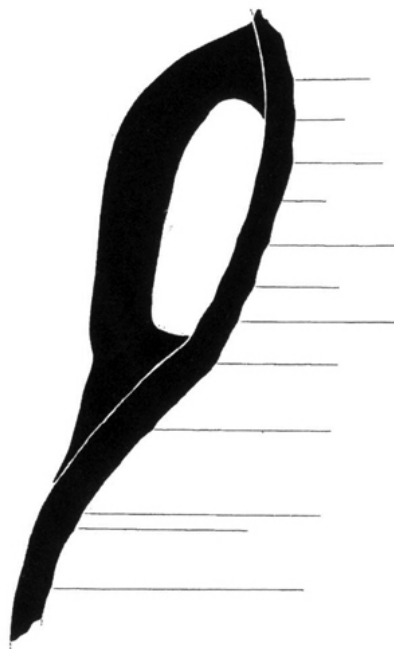


9

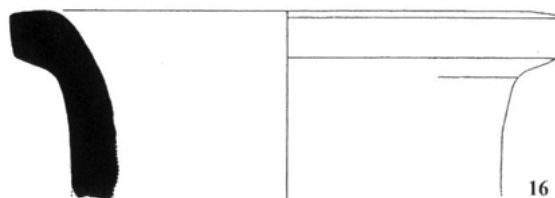




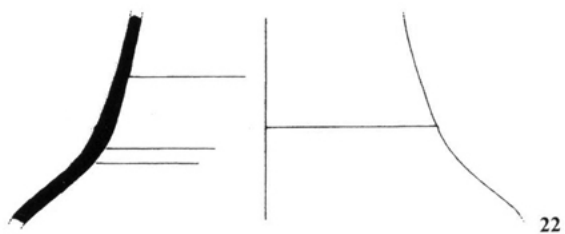
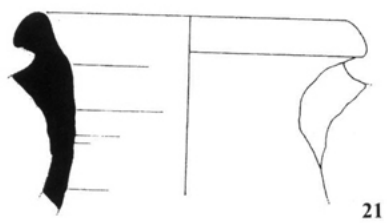
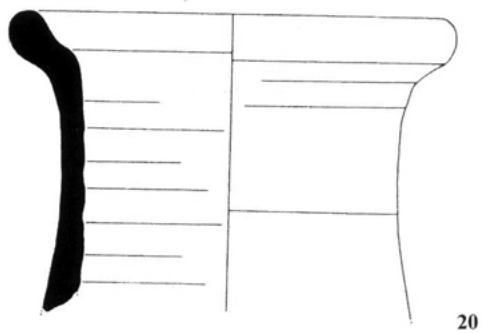
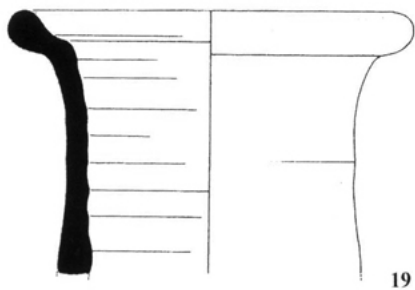
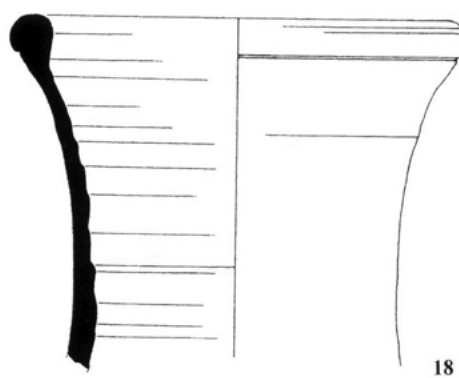
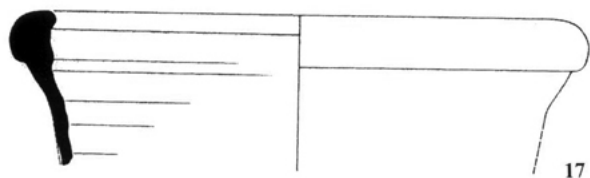
14

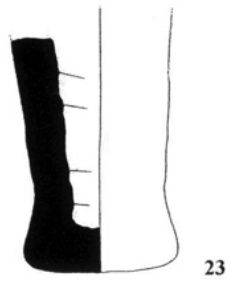


15



16

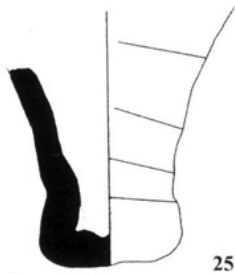




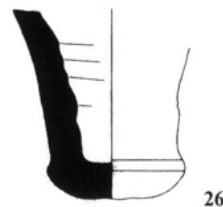
23



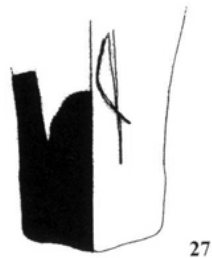
24



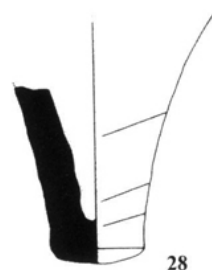
25



26



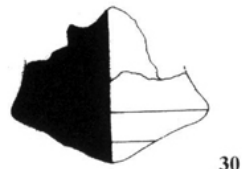
27



28



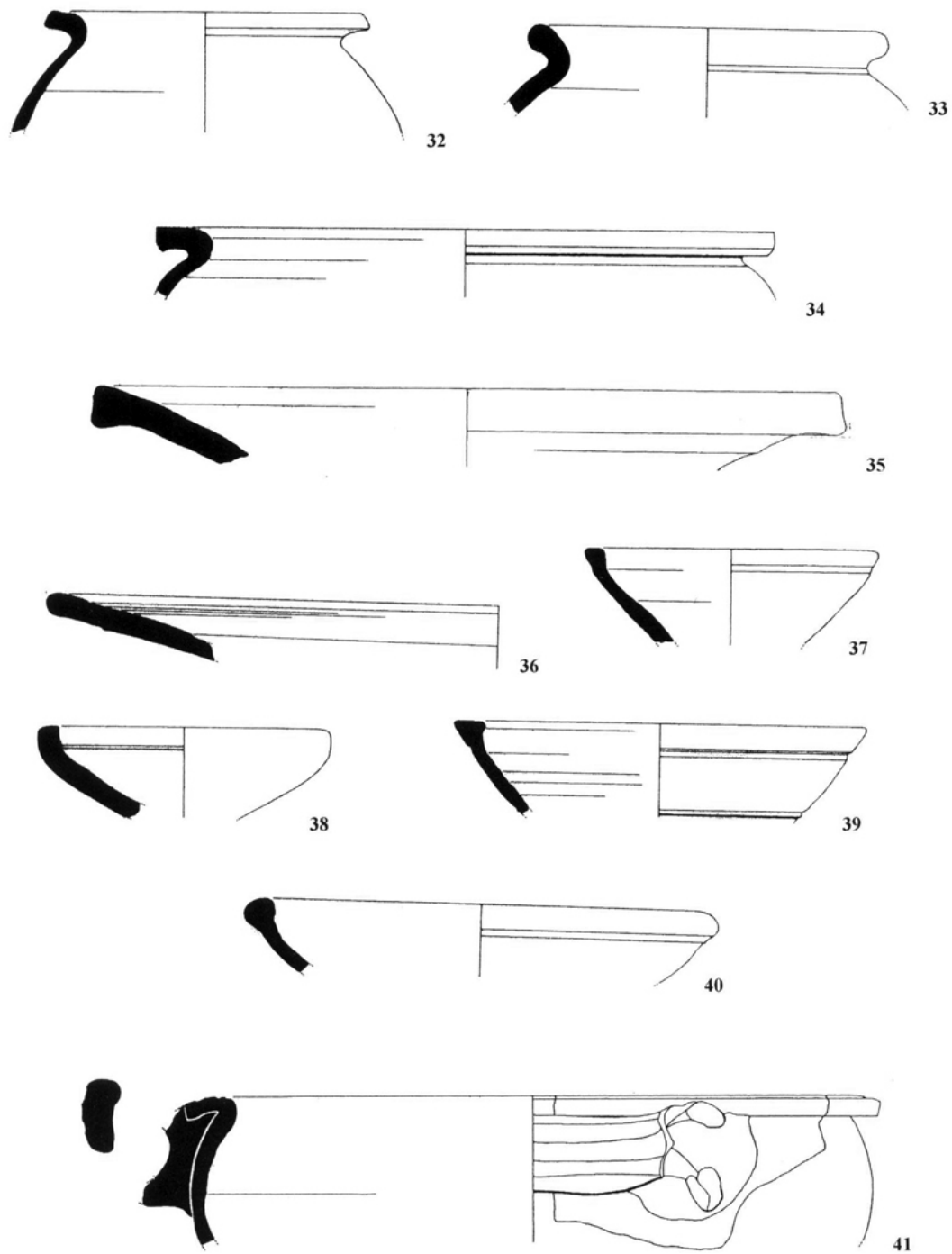
29

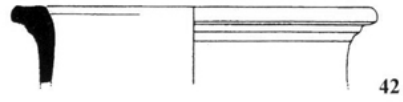


30

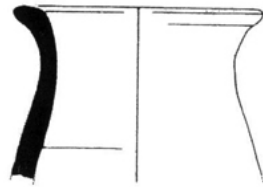


31

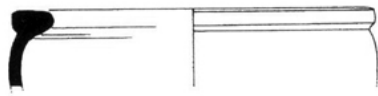




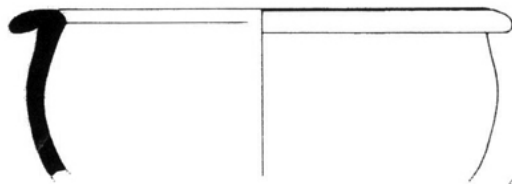
42



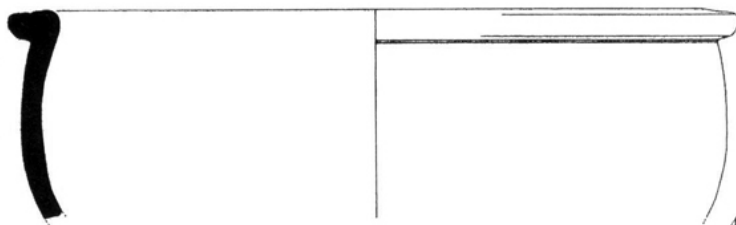
43



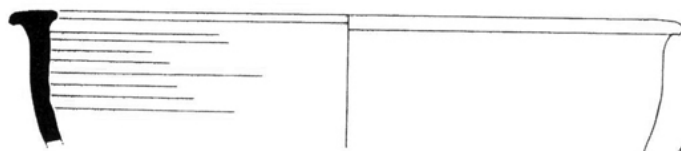
44



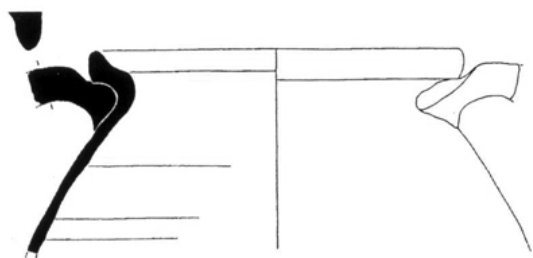
45



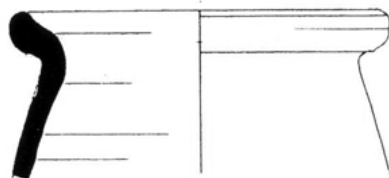
46



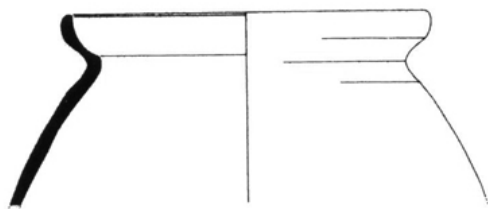
47



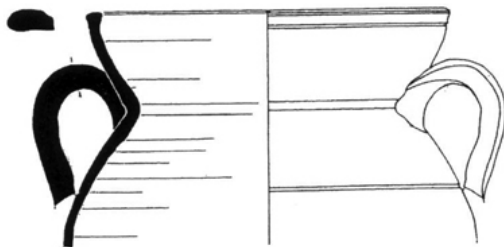
48



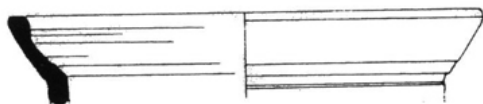
49



50

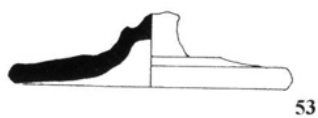


51

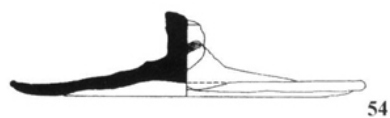


52

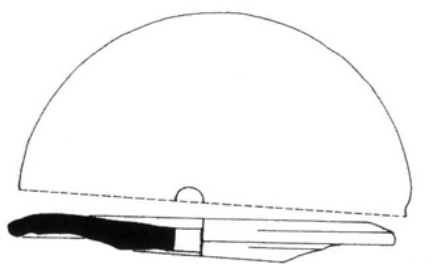




53



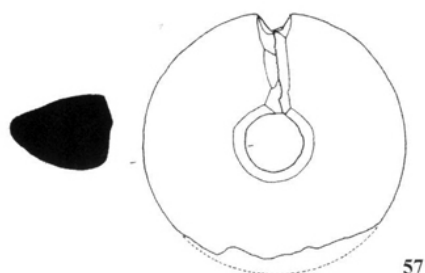
54



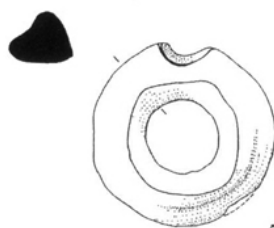
55



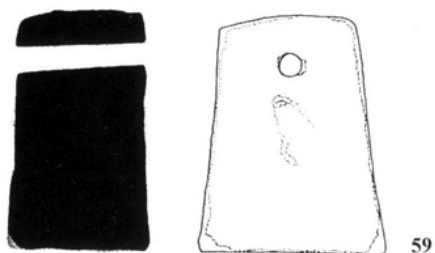
56



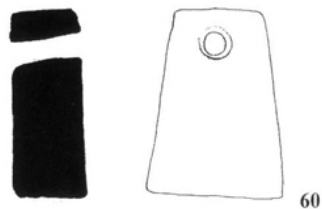
57



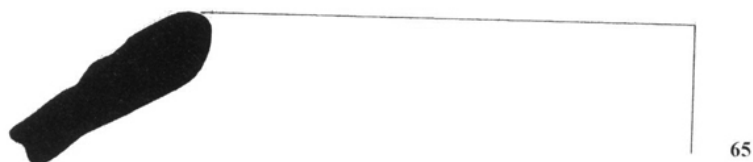
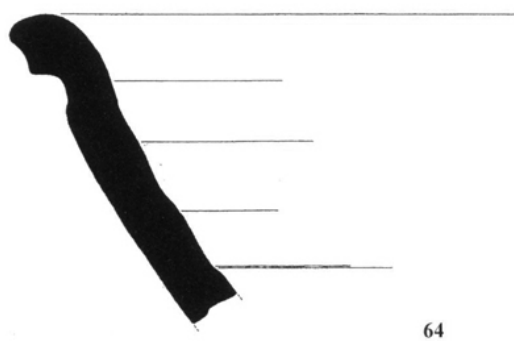
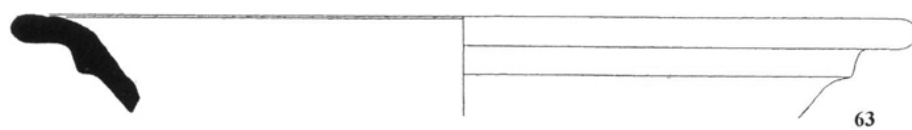
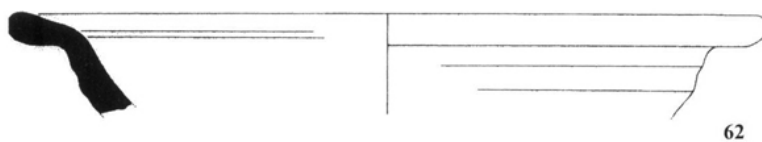
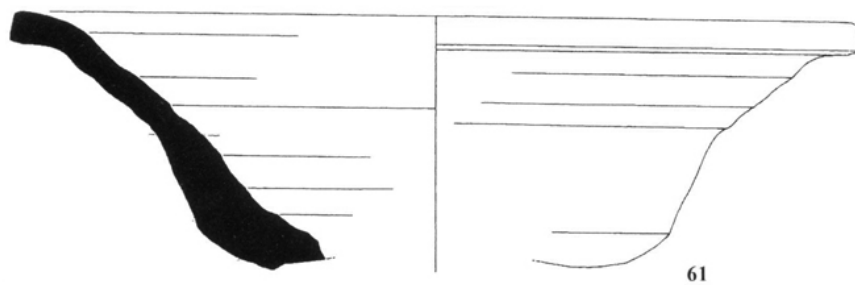
58

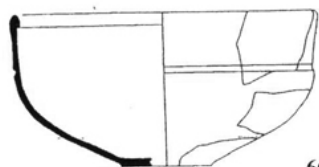


59

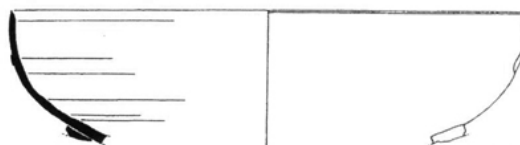


60

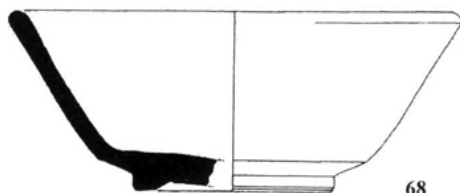




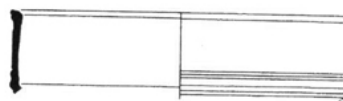
66



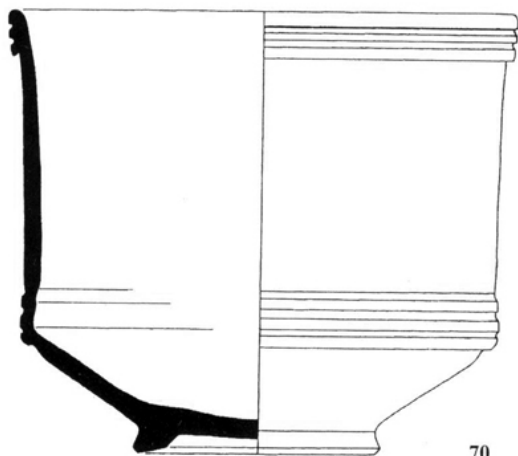
67



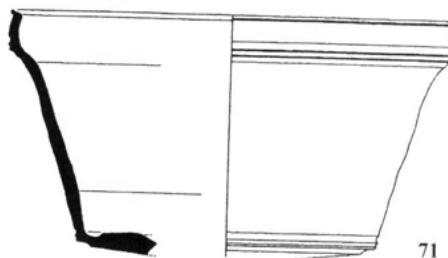
68



69



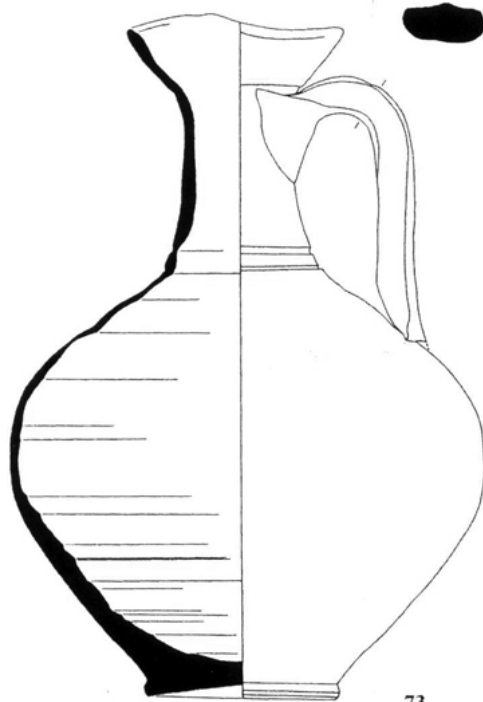
70



71



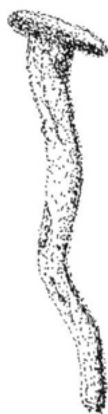
72



73



74



75



76



77